



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



Educação: um diálogo entre ancestralidade e a Descolonização dos Currículos Escolares e Universitários

Josely Lima dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

josypaixao02@gmail.com

TRABALHOS COMPLETOS - GT 01 - Etnicidade, Memória e Educação

RESUMO

O artigo busca discutir etnicidade a partir da interpretação de elementos simbólicos, focalizando o conceito de ancestralidade. As autoras apontam como as formas simbólicas (materiais e imateriais) expressam identidades étnicas e geram etnicidades por meio da ancestralidade, em outras palavras: como os discursos simbólicos presentes nas práticas religiosas tradicionais (cultos afro) configuram sentidos de "etnia" e "ancestralidade" na vida dos sujeitos. O artigo Educação e Ancestralidade traz reflexões para se pensar em construtos de uma pedagogia ancestral que uma vez utilizada mostra e aponta como a ancestralidade se opõe a lógicas neoliberais de educação, propondo uma educação mais humana, comunitária e ecológica.

Palavras-chave: etnicidade; ancestralidade; decolonização.

Submetido em: 12/10/2025 | **Aceito em:** 18/10/2025)

Introdução

A professora e pesquisadora Marise de Santana (2019), é uma das fundadoras e atua no Órgão de Educação e Relações Étnicas (Odeere) e na revista acadêmica de mesmo nome, ambos ligados à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O trabalho dela está diretamente relacionado ao tema da ancestralidade e à valorização dos saberes afro-brasileiros. Conexão Santana com a revista Odeere e a ancestralidade: Fundação da Odeere: a autora foi uma das idealizadoras do Órgão de Educação e Relações Étnicas (Odeere), que em 2005 surgiu de um grupo de pesquisa focado em estudos de relações étnicas, o órgão tem como um de seus objetivos valorizar o conhecimento das comunidades afro-brasileiras e indígenas, artigos e publicações: a pesquisadora também participa ativamente da revista ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas que publica artigos sobre etnicidade relações étnicas, gênero e diversidade sexual,



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



incluindo a temática da ancestralidade. Ela já foi organizadora de dossiês temáticos para a revista e teve seu trabalho publicado nela, entrevistas e contribuições, a professora é frequentemente entrevistada sobre questões de ancestralidade e é reconhecida por sua contribuição para a discussão do assunto.

A Revista Raça Brasil, por exemplo, dedicou a matéria "com a palavra, Marise de Santana" para destacar seu trabalho e sua relação com a ancestralidade negra. Pesquisas acadêmicas, por exemplo, ela é coautora do artigo "Ancestralidades, identidade étnica e etnicidades no centro da resistência", publicada na revista Odeere em 2019.

As publicações da revista ODEERE, frequentemente tratam a ancestralidade não apenas como uma linha genealógica, mas como uma fonte de conhecimento, identidade e resistência. O periódico é um espaço para a produção intelectual sobre a valorização dos saberes ancestrais muitas vezes silenciados ou marginalizados em diversas culturas.

Santana (2019), discute a ancestralidade como um princípio central nas relações étnico-raciais a autora entende a ancestralidade como um eixo central das identidades e da resistência dos povos afrodescendentes e indígenas no Brasil, Para ela ancestralidade é memória viva: não é apenas passado, mas presença no cotidiano, transmitida por meio de saberes, espiritualidades, práticas culturais e modos de vida. É fonte de conhecimento: os saberes ancestrais devem ser reconhecidos como formas legítimas de produção de conhecimentos, valorizando cosmologias africanas e indígenas na educação. Nesse viés, é resistência: lembrar e manter viva a ancestralidade é enfrentar o racismo estrutural, a colonialidade do poder e a negociação histórica das contribuições negras e indígenas. Nesse sentido, é identidade coletiva: fortalece a autoestima o pertencimento e a valorização das raízes culturais, sendo essencial para as relações étnico-raciais na escola e na sociedade. "Para Santana (2019), a ancestralidade representa um elo conecta passado, presente e futuro constituindo uma base identitária e coletiva



que sustenta os saberes, as práticas culturais e as lutas dos povos negras e indígenas no espaço social e educacional”.

2. Educação: Ancestralidade e Descolonização dos Currículos Escolares

É notório, que em um tríplice abordagem: ensino, extensão e pesquisa SANTANA (2019), propõe pensar criticamente acerca das Relações Étnicas, ou seja, estas três dimensões são estrategicamente, articuladas para abordar a temática de forma integrada. Nesse contexto, a autora defende que essas três dimensões comungam com a indissociabilidade dialogando com o tripé e devem ser pensadas de maneira indissociável essa articulação é estruturada a partir da experiência da autora com o seu legado africano, principalmente quando se trata do programa de pós-graduação em relações étnicas e contemporaneidade desenvolvidas nos órgãos de relações e contemporaneidades/ODEERE.

Todavia, a autora através de suas vivências com a práxis pedagógica bem como, no quesito racismo traz perspectivas educacionais descolonizadoras focadas em metodologias que valorizem a produção de conhecimentos dando assim voz e vez aos sujeitos envolvidos, com ênfase na oralidade e no “saber local”, conforme o conceito de Geertz, (1997), os desafios das fronteiras étnicas o texto apresenta e também discute os desafios impostos pelas fronteiras reais ou simbólicas entre diferentes etnicidades nos contextos educacionais tais fronteiras podem manifestar-se como obstáculos à inclusão, representatividade e diálogo intercultural, SANTANA em sua proposta de 2019, convida à reflexão em torno das relações étnicas por meio de uma abordagem integrada e descolonizadora, que articula e dialoga com as práticas de Ensino, Extensão e Pesquisa de maneira coerente é uma “chama ou seja, um ímã” convidando à valorizar saberes tradicionais e dar o lugar de fala aos indivíduos para enfrentarem os limites impostos



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



pelas desigualdades étnicas no âmbito educativo nesse sentido a proposta de Gomes (2021), dialoga com o texto acima citado no contexto das descolonizações.

Contudo pensa-se que para avançar o processo da descolonização começando principalmente da escola significa reequilibrar conteúdos, vozes e práticas que hoje privilegiam perspectivas eurocêntricas: valorizar saberes locais, indígenas, africanos e periféricos e transformar métodos de ensino e avaliação para promover cidadania crítica e equidade racial/cultural.

Santana (2019), vem destacando e priorizando a produção de conhecimentos a partir da voz dos sujeitos retomando a ênfase nas metodologias e perspectivas: o enfoque se dá a partir de práxis educacionais descolonizadoras, que valorizam métodos de produção de conhecimento que deem voz aos sujeitos, enfatizando a oralidade e o senso comum, conforme o conceito de Saber Local de Clifford Geertz. Que ressalta os desafios colocados pelas fronteiras nas relações entre diferentes etnicidades nos ambientes educacionais nesses contextos a autora busca a “pretensão de possíveis novos caminhos de aprofundamento”. GOMES (2021), ressalta, o processo de descolonização das mentes e das práticas como ação de combate ao racismo nas sociedades é tenso e conflituoso porém, a educação talvez seja o espaço em que essa tensão é mais visível há apagamentos históricos e epistemológicos presentes nos currículos, nas propostas e nas práticas educacionais, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior que só serão “superados” se o campo educacional e a produção científica compreenderem-se como espaços que precisam descolonizar-se, o desafio em ambas modalidades de ensino reside em implementar práticas pedagógicas e epistemológicas que combatam ativamente o racismo e a desigualdade racial, tanto na escola quanto na universidade. Isso envolve a descolonização do currículo, a promoção de um ambiente escolar inclusivo e a formação de educadores com letramento racial. Na Educação Básica: É crucial revisar e



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



descolonizar o currículo, garantindo que ele reflita a diversidade étnico-racial e a história de povos africanos e indígenas. Nesse viés, a formação continuada de professores com foco em letramento racial é essencial para que eles possam identificar e combater o racismo em sala de aula, a escola precisa ser um espaço acolhedor e seguro para todos os alunos onde a diversidade seja celebrada e o preconceito com as religiões também sejam combatidos, promover diálogos abertos sobre questões raciais, organizar eventos e palestras sobre a importância da igualdade e inclusão racial são ações importantes bem como, é preciso garantir o acesso e a permanência de estudantes negros, indígenas e ciganos nas universidades, considerando suas realidades socioeconômicas e oferecendo apoio para que eles se sintam parte do ambiente acadêmico. Todavia, os debates sobre preconceito racial podem ser ferramentas eficazes e utilizar recursos audiovisuais gratuitos, como filmes e músicas, que abordem a temática racial, pode auxiliar no processo de conscientização. Contudo, o diálogo com a comunidade: Envolver a comunidade escolar, incluindo alunos, pais e responsáveis, na construção de um ambiente mais justo e igualitário. Ao enfrentar esses desafios, a educação pode desempenhar um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, livre do racismo e da desigualdade racial. Santana propõe que a escola e a universidade incluam perspectivas ancestrais nos currículos, reconhecendo saberes africanos e afrobrasileiros como ciência e filosofia. Nesse sentido a autora aponta que a educação no Brasil reconheça e valorize os saberes ancestrais afrobrasileiros e indígenas, em linha gerais ela defende: Educação antirracista e descolonizadora: as deve orientar práticas que rompem com o eurocentrismo e incluam cosmologias e epistemologias africanas e indígenas no currículo. Todavia, a valorização dos saberes tradicionais: bem como, conhecimentos herdados dos mais velhos, das comunidades quilombolas, terreiros e povos originários devem ser considerados como produção legítima de ciência e cultura. Nesse viés, uma formação identitária e coletiva: a escola deve promover a valorização das raízes culturais negras e



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



indígenas, fortalecendo a autoestima, pertencimento e consciência histórica. Nesse contexto, é necessário e indispensável a pedagogia da ancestralidade: para Santana (2019), ensinar não é só transmissão de conteúdo: é reconhecer a dignidade dos povos historicamente marginalizados a autora ressalta que a ancestralidade seja incorporada como fundamento da educação, não como tema periférico, mas como eixo estruturante de uma pedagogia comprometida com a justiça social, a diversidade, a resistência social bem como, a diversidade cultural. Nitidamente, (Viviane Sales Oliveira e Marise de Santana, 2019), " Este inscrito apresenta uma discussão em torno da etnicidade a partir de interpretações de elementos simbólicos identificados nas narrativas do (as) entrevistados participantes de uma pesquisa de campo realizada numa comunidade tradicional religiosa de matriz africana, sobre ancestralidade, possibilitando assim, a compreensão do real e os sentidos étnicos e suas etnicidades considerando portanto, essa categoria como princípio que norteia construções simbólicas e ainda responsável pelos traços dos repertórios da identidade étnica e vetores de etnicidades. Para a autora a ancestralidade não é algo apenas espiritual ou simbólico, mas também político e pedagógico, pois orienta práticas de ensino que rompem uma educação antirracista e descolonizadora.

3. Reflexões da Griot Marise de Santana

"Notoriamente, as suas lutas e reflexões envolvendo a carreira acadêmica a religiosidade afrobrasileiro e os aspectos de sua ancestralidade fortalecimento nuançada em sua práxis docente, pesquisadora e militante".

Segundo a mesma a ancestralidade é o que organiza {...} as etnicidades em comunidades tradicionais de legado africano as narrativas relacionadas que deram origem a esta análise trazem as vozes e as interpretações de cada uma, evidenciando suas, distintas relações com seus entes queridos, interpretado as suas próprias experiências individuais, experiências essas que se convergem numa



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



identidade étnica” (OLIVEIRA; SANTANA; 2019, P. 95), segundo a autora a educação e a ancestralidade caminham juntas como uma encruzilhada pois são dois temas ricos que se cruzam especialmente no contexto de uma educação antirracista, culturas afro-brasileiras, filosofias africanas e identidades étnicas e muito mais. Todavia, o que se entende por ancestralidade no contexto educacional é a resistência ao apagamento e a colonialidade em reconhecer a ancestralidade é resistir à invisibilização e ao racismo estrutural é afirmar a culturas que foram marginalizadas. A ancestralidade se torna um elemento de força de reconstrução identitária. Nesse viés, os saberes ancestrais e epistemologias diversas precisam ser incluída no campo educacional tais como: filosofia africanas, cosmologias afro-indígenas, práticas e modos de conhecimento tradicional. Nesse contexto a educação deve estar comprometida com a ancestralidade quando se fala em educação que incorpora ancestralidade, observa-se algumas dimensões como dos currículos significa dizer que é de suma importância trazer a história e cultura afro-brasileira, indígena, quilombola e muito mais, de maneira que não sejam apenas matérias extras, mas partes constitutivas do saber escolar. Nesse sentido, a pedagogia ancestral apresenta modos e maneira de ensinar/aprender que valorizem a oralidade, narrativas, afetividade, conexão com a natureza, com o território, espiritualidade é preciso que os professores compreendam ancestralidade não como curiosidade cultural ou folclórica, mas como parte de uma ética de justiça de reconhecimento de identidade e de pluralidade epistémica. Segundo SCHUCMAN (2022), é preciso *a priori* se pensar qual é o verdadeiro lugar do branco na legitimação, manutenção e na formação daquilo que se vai pensar em torno das relações raciais no Brasil como um todo, e nesse viés, antes de pensar em combater o racismo é preciso primeiramente pensar com ele funciona, de que forma que ele vai se configurando nas relações, nas instituições em fim em toda sociedade e que o Brasil é um país carregado de racismo estrutural o que eu significa dizer que as instituições, o poder econômico, o poder jurídico, o poder político estão todos informados e atravessados em torno



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



do racismo tudo estruturado nesse contexto tudo é normal em um país que foi fundado nesse sentido a exemplo em um concurso de juiz em São Paulo, como cita a autora Lia Vainer, só foram aprovados pessoas brancas o concurso aconteceu em sua normalidade o edital no seu normal fez com que o resultado só colocassem pessoas brancas aprovadas. Nitidamente o racismo estrutural é a incapacidade de uma instituição, de promover a igualdade racial ou de espelhar a sociedade onde ela está inserida por tanto, essas instituições cometem a injustiça. Quando é que cor da pele se torna raça? No momento em que as relações de poder impõem a partir daí que se forma o conceito racial no entanto o lugar branco nessa luta racial é simplesmente parar de distribuir todos os privilégios simbólicos e materiais apenas no próprio grupo e é preciso usar a alteridade fazer valer e se colocando no lugar do outro principalmente de quem sofre o racismo e se auto perguntar como é que eu saio distribuindo esses privilégios materiais e simbólicos da branquitude somente em meu próprio grupo, essa mudança precisa acontecer em todos os lugares de poder para então começar a combater de fato o racismo no Brasil. Dito isso, a "questão central" na luta social é essa só os sujeitos dentro das instituições podem mudar o mundo pois a educação sozinha não pode mudar a educação mudar as pessoas e as pessoas é quem podem mudar o mundo pois o racismo impede o desenvolvimento do país, a pobreza em que os negros podem estar inseridos por essa desumanização constante faz com esse país não cresça o Brasil só pode se tornar um país melhor com igualdade para todos a partir da erradicação do racismo é uma questão primordial sem sombra de dúvida está voltada para a educação ali o fim do racismo em primeiro lugar uma "castração" ou uma mudança radical onde o negro precisa estar no seu devido lugar é no livro didático onde o negro precisa ser apresentado em todas as instâncias e em todos os materiais utilizados em favor da branquitude, em segundo lugar o currículo e a verdadeira história dos negros uma contação na íntegra principalmente quando trata da ideia do desenvolvimento onde negros e



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



indígenas aparecem como figurantes quando na verdade deveriam aparecerem no centro de tudo.

O reconhecimento sincero deles que construíram esse em pé de igualdade propõe-se que as escolas criam grupos de estudos onde possam pensar o currículo e os/as professor trabalhar o que a de melhor para combater o racismo inserindo ideias em suas matérias e assim erradicar o epistemicídio e o eurocentrismo isso pode ser feito nos momentos das atividades de planejamento da escola e para quem estar na formação de professor que seja distribuído e discutido e incluído na formação de professor bem como, dentro da graduação imprescindível.

Nesse sentido o inscrito acima dialoga com o pensamento da autora Lia Vainer (2022), aponta que, é preciso *a priori* se pensar qual é o verdadeiro lugar do branco na legitimação, manutenção e na formação daquilo que se pode pensar em torno das relações raciais no Brasil como um todo, e nesse viés para antes de pensar em combater o racismo é preciso primeiramente pensar de qual maneira ele funciona e vai se configurando nas relações, nas instituições em fim em toda sociedade e que o Brasil é um país carregado de racismo estrutural o que eu significa dizer que as instituições, o poder econômico, o poder jurídico, o poder político estão todos informados e atravessados em torno do racismo tudo estruturado nesse contexto, tudo é normal em um país que foi fundado nesse sentido. Nitidamente o racismo estrutural é a incapacidade de uma instituição, promover a igualdade racial ou de espelhar a sociedade onde ela está inserida por tanto, essas instituições cometem a injustiça. Quando é que cor da pele se torna raça? No momento em que as relações de poder impõem, se forma o conceito racial no entanto, o lugar branco nessa luta racial é simplesmente parar de distribuir todos os privilégios simbólicos e materiais apenas no próprio grupo é preciso usar a alteridade fazer valer e se colocando no lugar do outro principalmente de quem sofre o racismo e se auto perguntar como é que eu saio distribuindo esses privilégios materiais e simbólicos da branquitude somente em



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectiva étnica e racial no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



meu próprio grupo, essa mudança precisa acontecer em todos os lugares de poder para então começar a combater de fato o racismo no Brasil. Dito isso, a questão central na luta social é essa os sujeitos dentro das instituições podem mudar o mundo pois a educação sozinha não pode mudar a educação muda as pessoas e as pessoas é quem podem mudar o mundo contudo o racismo impede o desenvolvimento do país, a pobreza em que os negros podem estar inseridos por essa desumanização constante faz com esse país não cresça o Brasil, precisa que a educação seja o bum do fim do racismo em primeiro lugar uma “castração” ou uma mudança radical onde o negro precisa estar no seu devido lugar, bem como: no livro didático onde o negro precisa ser apresentado em todas as instâncias e em todos os materiais utilizados em favor da branquitude, em segundo lugar o currículo e a verdadeira história dos negros uma contação na íntegra principalmente quando trata da ideia do desenvolvimento onde negros e indígenas aparecem como figurantes quando na verdade deveriam aparecerem no centro de tudo. O reconhecimento sincero deles que construíram esse em pé de igualdade propõe-se que as escolas criam grupos de estudos onde possam pensar o currículo e cada professor trabalhar para combater o racismo inserindo ideias em suas matérias e assim erradicar o epistemicídio e o eurocentrismo isso pode ser feito nos momentos de AC da escola e para quem estar na formação de professor que seja distribuído, discutido e incluído na graduação imprescindível.

Conclusão

O estudo propõe reforçar a ancestralidade pois ela possui sentidos profundos e operacionais, ela conecta passado, presente e futuro na construção da identidade étnica, pontua ainda que, para realmente compreender etnicidades em comunidades afro, é necessário mergulhar nas formas simbólicas e narrativas que os sujeitos produzem e interpretam, apontam para a dimensão política do símbolo: ao manifestar ancestralidades, os sujeitos afirmam identidades e disputam reconhecimento social. Destaca que nas comunidades religiosas afro as tradições



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



simbólicas não são “resquício” do passado contudo, em filosofia da ancestralidade como filosofia africana, educação e cultura afro-brasileira se articula como teorias filosóficas africanas dialogam com a cultura afro no Brasil e como isso pode se inserir numa prática educativa. No entanto, para melhorar o campo da ancestralidade na educação é preciso pensar e repensar em ações que articulem teoria prática pedagógica, política pública e comunidade ampliar o currículo garantir que a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena e todas as ações não apareçam apenas em datas comemorativas, mas sejam parte contínua das disciplinas e ainda trabalhar a interdisciplinaridade, trabalhar a ancestralidade: o material didático precisa ser recriado bem como os livros difundidos, os vídeos, jogos e recursos que valorizem os saberes ancestrais produzidos por autores (a) negros (a) e indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE SANTANA, Marise. Relações Étnicas: desafios para o Ensino, Pesquisa e Extensão no Campo Interdisciplinar. **ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas**, Bahia, Brasil, v. 4, n. 8, p. 35–49, 2019. DOI: 10.22481/odeere.v4i8.6233. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/6233>. Acesso em: 7 abr. 2025.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de filosofia Aurora**, v. 33, n. 59, p. 435-454, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6733/673373992012/html/> Acesso em: 07 abr. 2025.

OLIVEIRA, Viviane Sales; DE SANTANA, Marise. Ancestralidades, identidade étnica e etnicidades no centro da resistência. **ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas**, Bahia, Brasil, v. 4, n. 8, p. 94–118, 2019. DOI: 10.22481/odeere.v4i8.5775. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/5775>. Acesso em: 30 set. 2025.

SCHUCMAN, LIA VAINER. O branco e a branquitude: letramento racial e formas de desconstrução do racismo. **Portuguese Literary and Cultural Studies**, p. 171-189, 2022. https://ojs.lib.umassd.edu/plcs/article/view/PLCS34_35_Schucman_page171. Acesso em: 07 abr. 2025.